

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 4 - O término da obra

Esdras cap. 6

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Caros ouvintes: agradeçamos a Deus pela oportunidade de mais uma vez nos encontrar para a continuação destes estudos sobre o período pós-exílio de Israel. Nossa tarefa hoje é considerar o capítulo 6 de Esdras.

O texto nos relata a conclusão da restauração do templo. Depois de todas as dificuldades que tiveram pela frente, os judeus, sob a liderança de Zorobabel e Jesua conseguem finalmente se dedicar de coração ao projeto que os motivou a trocar a Babilônia por Jerusalém. Vamos atentar aos aspectos relevantes dessa conclusão.

A reconfirmação da ordem de edificação. Dario recebe a carta de Tatenai, o governador provincial a respeito do edito de Ciro e ordena que o documento seja procurado na casa dos tesouros em Babilônia. O documento é resgatado e está reproduzido nos versos 3 a 5. Podemos perceber que este documento difere em alguns aspectos do decreto de Ciro transcrito no início de Esdras (1.2-4). Normalmente se considera que a primeira reprodução se refere à versão hebraica da ordem, tal como proclamada ao povo, enquanto aqui no capítulo 5 está a versão oficial, em aramaico e em um estilo mais sóbrio.

Confirmada a veracidade do decreto que os judeus declararam existir, Dario edita um complemento que reforça substancialmente o edito original, pois: [1] é concedido aos judeus o direito de exclusividade na construção. Mesmo o

governador e seus oficiais são solicitados a não interferirem no projeto e se afastarem dali (v.6-7). [2] O Tesouro real assume as despesas dos que estão trabalhando no templo, para que a obra não se paralise (v.8). [3] Os elementos necessários para os sacrifícios no templo também devem ser fornecidos (v.9-10). Finalmente, [4] ficam estabelecidas penas severas para quem ousar se opor ou mudar o decreto (v.11-12). Sabemos que os decretos reais eram coisa séria na antiguidade. Depois de editados não havia como revogá-los. O mesmo rei Dario quis livrar seu fiel auxiliar Daniel da morte, mas foi impedido de fazê-lo pela **“lei dos medos e dos persas que nenhum edito ou ordenança, que o rei determine, se pode mudar.”** (Dn.6.15).

Nada no relato bíblico indica que os adversários dos judeus do capítulo 4 estivessem de conluio com o governador Tatenai em mais uma tentativa de impedir a reconstrução. Parece, que tal como os judeus, os opositores tiveram seu ardor arrefecido ao longo dos 10 anos de paralisação. Se algo de conluio tivesse havido, temos que concluir que o resultado final da intervenção de Tatenai foi muito melhor que a encomenda. Agora, tudo ficava apenas na dependência dos esforços dos judeus.

O tempo da reconstrução. O verso 15 nos informa da conclusão do templo no sexto ano de Dario. São, portanto quatro anos gastos na reedificação. Traduzindo a data para o nosso calendário, a reconstrução foi terminada em 12 de

março do ano 515 antes de Cristo. Passaram-se um pouco mais de 20 anos desde que os exilados retornaram, e pouco mais de 70 anos desde a destruição do templo em 586 AC.

A consagração do templo. Concluída a obra é tempo de se alegrar e adorar a Deus, consagrando-Lhe a casa que é Sua. Voltando ao capítulo dois, devemos considerar que desde a chegada os judeus restabeleceram e mantiveram os procedimentos de adoração, mesmo enquanto o templo não existia. Agora, no entanto, à vista da reconstrução pronta, a celebração reveste-se de um significado maior, visto que de fato o exílio estava encerrado e de novo a vida religiosa podia ser organizada em torno do templo de Jerusalém. O ponto alto dos festejos de consagração são as ofertas dos animais: Uma centena de novilhos, duas centenas de carneiros e quatro centenas de cordeiros (v.17). Parecem muito, mas são quantidades insignificantes se as comparamos com outras ocasiões de consagração ou re-dedicação do templo que encontramos no relato bíblico, onde os animais ofertados são contados em milhares e mesmo em dezenas de milhares e não em centenas como aqui. Vejam a dedicação de Salomão em 2 Re 8.5 e 62; a reconsagração de Ezequias, em 2 Cr 30.24 e a de Josias, em 2 Cr 35.7. Os tempos, definitivamente eram outros e aqui foi feito o melhor que as circunstâncias permitiam.

A celebração da páscoa. – O templo foi consagrado imediatamente antes da Páscoa, de maneira a permitir a sua celebração. O significado desta Páscoa é especial e devemos atentar para o cuidado com que ela é descrita a partir do verso 19 até o final desse capítulo. Há uma preocupação com a purificação ritual. A unidade do povo é enfatizada. A

participação de todos na refeição pascal reforça a noção do povo junto celebrando o fim do exílio. É uma nova libertação. É uma nova saída do Egito. Mais uma vez Deus age em favor do povo e abre suas algemas. A identidade de um povo especial com o seu Deus está de novo restabelecida.

Junto com o capítulo seis de Esdras se encerra uma época. É a primeira fase da restauração de Israel que se conclui. Não mais ouviremos falar de Zorobabel e Jesua. Surgem Esdras e Neemias para assumirem o papel de liderança do povo na continuidade da restauração. Embora haja muita coisa ainda a se realizar, a tarefa empreendida por esse primeiro grupo que retornou é de valor incalculável. Eles tiraram partido da oportunidade dos tempos novos e do edito de Ciro. Enfrentaram toda sorte de oposição. Responderam aos apelos divinos, tanto para voltar para Jerusalém como para sair do comodismo, quando Ageu e Zacarias os conclamam à retomada da obra. Ao fim, conseguem ver concretizada a prioridade da sua volta: O templo restaurado como centro da vida religiosa do povo. É sobre essas vitórias que as novas gerações se apoiarão para seguirem adiante.

E quanto a nós, hoje ficamos por aqui. Que Deus nos abençoe nas reflexões que o texto bíblico nos induz a fazer. Que Ele mesmo nos motive e nos direcione para a resposta que o estudo da Sua palavra requer de nós.

Esperamos poder estar juntos mais uma vez para a continuação desse estudo.